

Notas sobre a contribuição de Althusser para repensar o marxismo¹

Jaime Ortega Reyna

Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM, Ciudad de México, México

Tradução de

Marilene Aparecida Lemos²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: Esta é uma tradução do espanhol ao português brasileiro do texto “Notas sobre el aporte de Althusser para replantear el marxismo”, de Jaime Ortega Reyna, publicado originalmente como capítulo do livro *El regreso del topo: Karl Marx a 195 años de su nacimiento*, promovido pelo Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades da Universidad Nacional Autónoma de México em 2016. Organizado pela professora Elvira Concheiro Bórquez, o livro é resultado do colóquio “Karl Marx a 195 años de su nacimiento: el regreso del topo”, realizado entre os dias 6 e 9 de março de 2013 nas instalações dessa universidade. A obra reúne reflexões sobre a necessidade de repensar um autor já considerado clássico para as ciências sociais, para as humanidades e também para a política. Nesse sentido, o texto de Jaime Ortega Reyna explora as principais contribuições do filósofo Louis Althusser ao pensamento crítico em geral e ao marxista em particular, destacando como a intervenção filosófica de Althusser produziu efeitos políticos significativos e revolucionou a forma de ler e interpretar Marx.

Palavras-chave: Louis Althusser; Marxismo; América Latina.

Title: Notes on Althusser's Contribution to Rethinking Marxism

Abstract: This is a translation from Spanish to Brazilian Portuguese of the text “Notas sobre el aporte de Althusser para replantear el marxismo”, by Jaime Ortega Reyna, originally published as a chapter in the book *El regreso del topo: Karl Marx a 195 años de su nacimiento*, supported by the Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades of the Universidad Nacional Autónoma de México, in 2016. Organized by professor Elvira Concheiro Bórquez, the book is the result of the colloquium “Karl Marx a 195 años de su nacimiento: el regreso del topo”, held between the 6th and 9th of March 2013 at the university's facilities. The work brings together reflections on the need to rethink an author already considered classic in the social sciences, humanities and also in politics. In this sense, Jaime Ortega Reyna's text explores the main contributions of the philosopher Louis Althusser to critical thinking in general and Marxist thinking in particular, highlighting how Althusser's philosophical intervention produced significant political effects and revolutionized the way of reading and interpreting Marx.

Keywords: Louis Althusser; Marxism; Latin America.

¹ (N. da T.) O texto utilizado como fonte para esta tradução está disponível em: CONCEIRO BÓRQUEZ, Elvira (Coord.). *El regreso del topo: Karl Marx a 195 años de su nacimiento*. Cidade do México: Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, Universidad Nacional Autónoma de México, 2016. p. 163-171. Esta tradução tem objetivos estritamente pedagógicos e científicos e não tem fins lucrativos. A permissão do autor, Jaime Ortega Reyna, sobre o conteúdo traduzido foi obtida por escrito. E-mail: jaime_ortega83@hotmail.com.

² Pós-doutoranda no DECLAVE – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Instituto de Letras – UFRGS, sob a supervisão do Prof. Dr. Fábio Ramos Barbosa Filho. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8390-9823>. E-mail: marilene.lemos@uffs.edu.br.

Apresentação

Neste estudo, pretendemos assinalar algumas das principais contribuições da obra de Louis Althusser³ para o pensamento crítico de forma geral e para o pensamento marxista em particular. É inquestionável que a intervenção do filósofo francês moveu, de uma forma rara, a trajetória de um movimento político e intelectual que ocupava um lugar de destaque no panorama filosófico e político. Tal intervenção, sempre apresentada como filosófica, teve efeitos políticos. Diferentemente de outros pensadores franceses, como Sartre, Foucault, Garaudy ou Lefebvre, que, apesar de suas diferenças, sempre participavam de debates públicos, discursando para auditórios lotados ou incentivando os estudantes, Althusser costumava ser mais reservado e permanecer recluso na [Escola] Normal⁴. De Althusser, temos apenas uma fotografia em que ele aparece de maneira discreta em uma manifestação, carregando uma bandeira.

Figura 1 – Louis Althusser em uma manifestação



Fonte: *Althusser reader* (2024).

³ (N. da T.) Louis Pierre Althusser (1918–1990), franco-argelino, foi um dos filósofos marxistas mais influentes do século XX.

⁴ (N. da T.) *L'École normale supérieure – PSL*. Disponível em : <https://www.ens.psl.eu/l-ecole-normale-superieure-psl>.

Não há – e surge a imponente figura de Marcuse – grandes auditórios repletos de alunos radicalistas ansiosos para ouvir a palavra do mestre. Althusser adotou uma postura diferente, e as respostas críticas de seus alunos, como a famosa *A Lição de Althusser*, obra de ruptura com o mestre por parte de Jacques Rancière, mostra as ambivalências de se chegar à política por meio da teoria.

Após a primeira intervenção althusseriana em meados da década de 1960, ocorreram dois fenômenos dignos de nota. Em primeiro lugar, sua obra, como poucas, expandiu-se de maneira vertiginosa. Mesmo sendo voltada para discussões internas do marxismo francês e, no máximo, em nível europeu, sua obra teve impacto em várias partes, influenciando diversos debates ao redor mundo. As discussões sobre o humanismo, próprias da conjuntura do pós-guerra na França, rapidamente se tornaram motivo de controvérsias em outros contextos. Mas não foram as únicas. Basta lembrar o tratamento dado ao “jovem” Marx, a própria noção de “corte epistemológico” e o afastamento cada vez mais radical de Hegel. No México, por exemplo, Sánchez Vásquez iniciou sua crítica contundente à escola althusseriana a partir da defesa do “jovem” Marx, do historicismo implícito na noção de práxis, bem como da rejeição ao cientificismo. Na Argentina, Cuba, Chile e México, as escolas althusserianas convergiram com os movimentos políticos e culturais da época e, sem dúvida, revitalizaram o marxismo. O exemplo de Marta Harnecker, por si só, não dá conta da riqueza e da diversidade daquela “escola”. O impacto também se fez sentir na Europa. Países como a Espanha e, talvez mais significativamente, a Itália foram influenciados pelo mestre da Escola Normal Superior. Em segundo lugar, é preciso mencionar o declínio da escola althusseriana, que ocorreu não só na França depois dos eventos do pós-68, mas também em nível mundial. As décadas de 1980 e 1990 foram desafiadoras para a perspectiva althusseriana. Suas contribuições foram seriamente questionadas, e o marxismo já não era lido com as lentes que ele propunha. A crise do marxismo, que o próprio Althusser havia comemorado, teve repercussões em diversos campos, incluindo o teórico.

As coisas mudaram significativamente. Particularmente na América Latina, formaram-se redes de pesquisa dinâmicas, nas quais jovens de diversos países lançaram novas iniciativas, como a publicação eletrônica *Demarcaciones*⁵, uma revista de perspectiva declaradamente althusseriana. No entanto, surgiram outros pontos de intersecção fundamentais que moldam hoje a perspectiva crítica: o retorno à teoria da ideologia, conforme Žižek; a aceitação da crise do marxismo e a visão do comunismo, discutidas por Badiou; a retomada de Spinoza em relação a Hegel, abordada por Negri e Machery; além da abordagem psicanalítica lacaniana, representada por várias escolas em diferentes contextos, que enfatiza o domínio do simbólico e a necessidade de pensar o sujeito como incompleto.

Por essa razão, iremos destacar as questões que consideramos como as mais relevantes hoje, uma vez que são discussões abordadas pelo filósofo que continuam produzindo efeitos políticos e teóricos na discussão do marxismo contemporâneo. Partimos, então, do que já não é mais pertinente ou atual: a distinção que o próprio Althusser faz, em sua “autocrítica”, entre

⁵ *Revista Demarcaciones*. Revista Latinoamericana de Estudios Althusserianos. Disponível em: <https://revistademarcaciones.cl/>.

Ciência e Filosofia, entre Ideologia e Teoria. É justamente nesse ponto, em que ele se autocritica como “teórico”, que nos parece não ter sentido regressar, sendo necessário avançar para além disso. Sánchez Vázquez e muitos outros autores apresentaram críticas contundentes a esses pontos centrais.

Por outro lado, certamente há outros pontos extremamente produtivos quando se trata de enfrentar uma situação como a que atravessava o marxismo do século XX. Da mesma forma, não faz sentido discutir o “humanismo”, uma vez que essa foi uma discussão específica da conjuntura francesa que envolvia sujeitos políticos hoje já desvanecidos.

A “leitura” de Marx

O primeiro ponto que nos parece extremamente atual diz respeito à “leitura sintomática” de Marx. Althusser revoluciona o modo como se “lê”, isto é, como se significam ou se estruturam os significantes de um texto. Parte de uma premissa básica: a leitura talmúdica ou imediata, embora viável e frequentemente realizada, acaba conduzindo ao dogmatismo. Qual é essa leitura que conduz ao dogmatismo? Trata-se da leitura literal de um texto ou de uma obra. A leitura literal quase sempre se transforma em “comentário”. No marxismo, o método de comentário de texto é considerado uma leitura dogmática, partindo da ideia de que o texto apresenta um sentido oculto que é revelado por algum iniciado. A revelação do sentido oculto do texto é desempenhada por um intelectual, especialista, partido ou autoridade. O comentário, parágrafo por parágrafo, bastante frequente em contextos como o mexicano, é um sintoma dessa forma religiosa de ler Marx, semelhante à leitura da Bíblia. Parte-se do pressuposto de que o sentido oculto do texto é revelado por um “Mestre”, que descarta o desnecessário do texto e entrega a sua “essência”, o seu “sentido”, o seu “objetivo” a alunos ansiosos por compreender algo que parece inatingível. Isso traz uma forte concepção epistemológica ou gnoseológica: o conhecimento está no texto e alguém precisa desvendá-lo.

Althusser, ao apresentar sua proposta de leitura “sintomática”, adota uma postura distinta. Assim, o texto “Ler o Capital” (título original: *Lire le Capital*, que servia como orientação para os jovens militantes comunistas e maoístas) não se limita a um comentário do primeiro volume, nem a algum capítulo específico ou a alguma seção em especial. Althusser parte de outras premissas: embora Marx tenha avançado o conhecimento científico, sua filosofia se encontra em estado prático, isto é, está disseminada nos textos de forma prática. Uma concepção filosófica está em funcionamento, mas não explicitamente: temáticas clássicas como a dialética, a contradição, a totalidade não se expressam de maneira imediata, nem estão “ocultas” aguardando a revelação de um sábio; de outro modo, permeiam o discurso como um todo.

Quase nada disso se encontra em seu “discurso do método”, a *Introdução, de 1857*. A tarefa da “leitura” é reconstruir essa filosofia que se encontra em estado prático. Como isso deve ser feito? Partindo de uma leitura “sintomática”, ou seja, de uma leitura que não veja o texto como totalmente fechado, saturado, mas pela ideia de *vazio*. O *vazio* é a ideia fundamental para a reconstrução da filosofia de Marx em Althusser. O *vazio* dá lugar à

possibilidade da produção, ao movimento. A leitura “sintomática” não se concentra em buscar o sentido (oculto) do texto, mas sim em seus vazios e pontos de silêncio. A partir desses elementos, é possível avançar e produzir conhecimento novo, conceitos e discurso. O importante não está no que se diz literalmente, mas naquilo que não se diz, no que falta, nas ausências. É dessa maneira que a filosofia opera em Althusser: Marx oferece um legado textual que nos permite produzir conceitos. Assim, o conhecimento não é, então, a revelação de “essências”, mas a produção de conceitos. Esses conceitos emergem do vazio e não de textos fechados que já contêm a totalidade. Na próxima seção, gostaria de destacar um dos desdobramentos dessa perspectiva althusseriana: a formação econômico-social.

A correção gramsciana e a produção de conceitos

Como essa concepção opera? Na escola althusseriana, houve uma forma privilegiada: a inclusão e o desenvolvimento do conceito de formação econômico-social. Essa categoria foi recuperada pela escola althusseriana a partir de Lenin, que a expressaria em “estado prático” em suas análises sobre o caráter do desenvolvimento capitalista na Rússia. A pertinência do conceito reside justamente no sentido de que o “modo de produção” é um conceito que opera em um nível de abstração que não permite gerar outros conceitos. A visão dominante dessa categoria como “conceito geral”, como “essência” ou como “tipo ideal” não serve para a análise concreta: ela evidenciaria as semelhanças, mas nunca as diferenças, as distinções, as especificidades. Uma contribuição da escola althusseriana foi retomar a noção de formação econômico-social, ao mesmo tempo que procurou deslocar outras, como “sociedade de consumo”, “sociedade de massas”, “neocapitalismo” e “capital monopolista de Estado”.

A inclusão dessa categoria traz várias implicações teóricas e políticas. Teoricamente, não substitui o conceito de “capital” ou “capital em geral”, mas complementa a ideia de analisar as diferenças entre os tipos de capitalismo existentes. A premissa estabelecida por Marx serve para produzir um conceito que funciona na análise. Com base nisso, é construída a noção de “materialismo histórico” e a “descoberta de um novo continente”: a ciência histórica em Marx está na diferenciação entre os diferentes modos de produção com base nas formações econômico-sociais, em seus pontos-chave e nos momentos de transição. Como se sabe, isso desencadeou um intenso debate entre as correntes francesas e italianas que responderam à interpelação althusseriana, constituindo um campo fértil para a polêmica e a investigação “histórica” no âmbito do marxismo. Essas pesquisas giraram, em grande parte, em torno das formas de produção não capitalistas, nas capitalistas e nos interstícios existentes entre elas.

Até aqui, não parece haver um grande problema. Onde há um problema é justamente na dimensão política. Se teoricamente essa intervenção althusseriana teve um impacto na esfera política houve uma tentativa séria de correção gramsciana. Althusser criticou o teórico italiano por vários motivos, sendo um dos mais importantes precisamente o da teorização do Estado entendido como unidade e distinção entre “sociedade civil e sociedade política”. Do ponto de vista althusseriano, essa era uma divisão própria da filosofia burguesa-hegeliana e

posteriormente liberal. Essa distinção invalidava qualquer projeção comunista. Esse resquício idealista culminava na busca pela unidade, pelo Uno, sobre a diversidade. Teoricamente, apontava para uma “totalidade expressiva” e não para um conceito marxista de totalidade. Enxergava o Estado como lugar de reconciliação da diferença. Além disso, essa abordagem excluía o conceito de formação econômico-social, uma categoria que não se encaixava na distinção entre “sociedade civil e sociedade política”, derivada de Locke e Hegel, mas que, segundo Althusser, não seria propriamente marxista. Portanto, “sociedade civil e sociedade política” e formação econômico-social pertencem a duas teorizações divergentes. Eis aqui a disputa política fundamental. Exagerando um pouco, poderíamos dizer que Althusser e sua escola permaneceram fiéis à tradição clássica que defendia a revolução e a ditadura do proletariado (lembramos Balibar), enquanto os pensadores italianos se basearam em Gramsci para fortalecer a ideia de eurocomunismo. A crítica ao historicismo, à noção de práxis, às filosofias do século XIX da consciência (lideradas por Hegel e, entre os marxistas, por Lukács) constituem as formas teóricas em que Althusser se posiciona politicamente.

Hegel em foco

Entre os filósofos mais problemáticos para a “tradição” marxista, Hegel é, sem dúvida, o mais complexo de relacionar com o discurso crítico. Althusser vai se referir a Hegel e à sua noção de dialética em vários momentos. Ele entenderá que a frase “inverter a dialética de Hegel” não é suficiente para construir uma dialética marxista, nem para resgatar o lado racional de algo que se apresenta como mistificado. Para Althusser, a noção marxista de crítica deve partir de um ponto distinto do idealismo hegeliano.

Althusser igualmente criticará a ideia de “totalidade expressiva” presente em Hegel. Na última parte de sua obra, condenará o que, de sua visão, é o maior fardo que o marxismo carrega dessa filosofia: a teleologia.

A obra do filósofo alemão é, sem dúvida, extremamente complexa para avaliar se Althusser fez uma leitura “correta” – o que seria impossível, visto que toda leitura é culpada – ou se seguiu apenas Kojève ou Hyppolite. O que nos interessa é como o pretexto de Hegel permitiu que Althusser traçasse uma linha radical de demarcação no campo do próprio marxismo. Que linhas são essas?

O primeiro momento da crítica ao hegelianismo em sua versão marxista é a crítica ao conceito de história. Segundo Althusser, a influência mais perversa do pensamento burguês, particularmente do hegeliano, consiste em herdar uma visão teleológica da história e uma concepção de temporalidade linear.

Nessa perspectiva, a história teria um fim, uma finalidade. Contra essa ideia de “fim” ou “fins” da história, da qual Hegel seria um expoente, teríamos de opor o materialismo do encontro. Da “necessidade da contingência” de não se deixar levar pelo “trem” da história e de buscar alternativas de construção fora da linearidade histórica dos “fins” da história, em suma, sair e escapar de toda forma de teleologia.

Segunda demarcação: se a história não tem “fins”, também não há um “sujeito” indivisível que encarna essa finalidade. Contra a filosofia da consciência, Althusser contrapõe visões como a da psicanálise: o sujeito é cindido. Em vez de uma “classe” como totalidade indiferenciada que aspira à consciência, ele opõe o sujeito fragmentado, dividido e em conflito consigo mesmo. Em vez de focar na classe, privilegia a luta de classes; em vez do “sujeito da consciência”, enfatiza todo o processo de ruptura, que é violento e nunca concluído, como expresso no capítulo sobre “a chamada acumulação originária”.

Terceira demarcação: a contradição marxista não é a contradição hegeliana. Para Althusser, a contradição não tem uma única fonte como relações de produção e meios de produção; valor e valor de uso; e trabalho assalariado e capital, mas várias fontes, ou seja, é sobredeterminada. Inspirado por Freud, Althusser retoma a ideia de sobredeterminação. Não há uma contradição única, fundante ou essencial, a partir da qual todas as outras se desdobram. Há contradições na luta, há causas múltiplas, há momentos primários e secundários, há o determinante e o dominante: isso se revela somente na análise concreta da situação concreta.

A última e mais importante demarcação que registramos: a crítica à totalidade expressiva. Althusser aplica a crítica da totalidade hegeliana não apenas como tal, mas também em sua aplicação, por exemplo, na obra de Marx, da qual surge a ideia do “corte” epistemológico. Vejamos: a totalidade expressiva hegeliana, segundo Althusser, consiste justamente em localizar uma identidade entre a totalidade e a parte, em que a parte sempre expressa a totalidade, o todo. Prevaleceria o Uno sobre a multiplicidade, levando, segundo Althusser, a uma visão linear do tempo, a uma impossibilidade de conceber tempos diversos e articulados, a uma indiferença entre os momentos e o processo geral. A crítica a essa totalidade, portanto, visa a desidentificar o todo e a parte, o determinante do contingente. Isso se aplicaria, por exemplo, à obra de Marx: o fim de sua teorização seria a crítica da economia política, e todo o percurso do “jovem” Marx corroboraria isso; em qualquer um dos textos do jovem, é possível identificar a obra madura de Marx, a obra científica. Althusser contrapõe a isso a ideia de uma totalidade estruturada com instâncias e momentos de autonomia, não somente para a análise da realidade capitalista, mas também para a avaliação do jovem Marx, buscando entender as rupturas, a não-linearidade, a não-continuidade e a irrupção da contingência.

A corrente subterrânea do materialismo

Althusser tratou de deslocar a visão das “três fontes” do marxismo. Para isso, insistiu que Marx não era a dialética de Hegel aplicada a David Ricardo, ou seja, não era o idealismo alemão aplicado à economia política inglesa. Pelo contrário, Althusser estabeleceu vínculos importantes com o que denominou a corrente subterrânea do materialismo. Em primeiro lugar, começa com Epicuro em oposição ao mecanicismo de Demócrito, porém estabelece vínculos com o mundo moderno a partir de Maquiavel, Rousseau, até mesmo Montesquieu e, sobretudo, Spinoza. Althusser reconstrói uma alternativa ao idealismo teleológico em que se

sustentam as fontes do marxismo. A expressão mais clara disso é a metáfora com a qual inicia o texto sobre o materialismo do encontro: o idealista é aquele que sobe no trem e deixa que ele o leve (a locomotiva da história); o materialista é aquele que desce, sem plano, sem projeto, sem “telos”, em qualquer estação para fazer história.

A possibilidade de interpretar uma história diferente do marxismo nos afasta de qualquer concepção transcendental. Isso nos situa em uma ordem distinta, ancorada às práticas efetivas. O que isso gera? A evacuação de todo o determinismo, seja ele elaborado ou simplista: não há, a partir de sua leitura do materialismo, uma “determinação” em última instância. Não há um fundamento último (“a economia, a “crítica da economia”). Há práticas concretas, momentos, vazios, produção, contingência. Essas são as lições que se extraem da corrente subterrânea do materialismo, talvez o ponto mais urgente a ser reelaborado.

Althusser hoje

A influência de Althusser é notável de diversas maneiras. Primeiramente, destacamos seus alunos, como Alain Badiou e Etienne Balibar. Em outros lugares do mundo fora da Europa, a sua influência é crescente. Bruno Bosteels, autor de um importante trabalho sobre o comunismo, é um leitor crítico de sua obra. Óscar Ariel Cabezas, pensador das formas políticas “pós-soberanas”, também centraliza Althusser em suas reflexões. Na América Latina como um todo, diversos pensadores em diferentes países promovem reflexões que contribuem para a discussão de sua obra. É o caso de Roque Farrán, Marcelo Starcenbaum e Natalia Romé, na Argentina; Marcelo Rodríguez, José Aravena, Patricia González e Miguel Valderrama, no Chile; e Danilo Martuscelli e Luiz Eduardo Motta, no Brasil. Esses nomes representam apenas uma parte significativa daqueles que estão contribuindo para a recuperação e a problematização de um legado que continua suscitando discussões produtivas.

Referências

- ALTHUSSER READER. Marksist İlkeleri Nerede Bulacağız - Louis Althusser. *Althusser Reader*, [S. l.], 07 jul. 2012. Disponível em: <https://foralthusser.blogspot.com/2012/07/marksist-ilkeleri-nerede-bulacagz-louis.html>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- ALTHUSSER, L.; RANCIÈRE, J.; MACHEREY, P. *Ler o Capital*. vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- CARVALHO, J. M. de. A filosofia da existência de Roger Garaudy. *Cultura – Revista de História e Teoria das Ideias*, v. 21, p. 1-12, 2018.
- ZALTA, E. N.; NODELMAN, U. Enciclopédia de Filosofia de Stanford. Stanford: Stanford University, 2024. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- MARX, K. Contribuição à crítica da economia política / Karl Marx; tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- ORTEGA REYNA, J. Dos lecturas latinoamericanas de Estado autoritario: Bolívar Echeverría y Rubén Jaramillo Vélez. *Rev. filos. Univ. Iberoam*, v. 56, n. 156, p. 130-155, 2024.
- SALAZAR, A. V. Entrevista a Jaime Ortega Reyna. [Entrevista concedida a] Alfonso Vázquez Salazar. *La Razón Comunista*, [S. l.], 7 dez. 2022. Disponível em: <https://www.larazoncomunista.com/post/14-5-entrevista-a-jaime-ortega-reyna>. Acesso em: 13 dez. 2024.

Recebido em: 14/12/2024.

Aceito em: 10/01/2025.